Os Maias

Primeiro Capítulo

Os Maias mudaram-se para uma casa em Lisboa no Outono de 1875. Esta casa era conhecida por todos como o Ramalhete.

Passaram-se alguns anos, e o Ramalhete encontrava-se desabitado. Em 1858 o senhor Buccarini decidiu ir visitar a casa com o objetivo de instalar lá a Nunciatura, contudo, a renda que foi pedida pelo procurador dos Maias, o senhor Vilaça, era demasiado alta e por isso Buccarini desistiu.

Por estas alturas, foi comprada outra casa dos Maias: a Tojeira. Poucas pessoas ainda se lembravam desta família, mas quem se lembrava sabia que esta família vivia na sua Quinta de Santa Olávia, nas margens do Douro.

Os Maias eram uma antiga família da Beira, nunca foram muito numerosos, sem colaterais, sem parentelas. No entanto, a família agora estava reduzida a somente duas pessoas: o senhor da casa, um senhor idoso, chamado Afonso da Maia e o seu neto Carlos que estava a estudar medicina em Coimbra.

O resultado era que os Maias, tendo o Ramalhete inabitável, não possuíam casa em Lisboa; e Afonso nesta idade adorava o sossego de Santa Olávia, mas o seu neto, Carlos, depois de formado não iria querer viver na quinta. Com esta situação, Afonso pediu um conselho a Vilaça e este mesmo disse-lhe que deveria habitar o Ramalhete, apesar de necessitar de imensas obras, era isso que o senhor Afonso tinha de fazer.

Depois das obras necessárias, Afonso decidiu mudar-se em 1875 para o Ramalhete enquanto o seu neto, Carlos, se encontrava numa viagem pela europa. Afonso não queria viver mais afastado do seu neto, e Carlos com uma carreira ativa deveria habitar o Ramalhete.

Afonso era baixo, maciço, de ombros quadrados e fortes, com uma cara larga, pele corada quase vermelha, o cabelo branco, e a barba de neve aguda e longa.

Caetano da Maia, pai de Afonso, era um português que tinha um ódio imenso ao Jacobino, a quem atribuía todos os males, os do país e os seus, desde a perda das colónias até às crises da gota.

Afonso partiu para Inglaterra mas pouco depois teve de voltar a lisboa uma vez que seu pai, Caetano da Maia, morreu de súbito. Foi então que conheceu D. Maria Eduarda Runa, filha do conde de Runa. Era morena, linda, mimosa, e um pouco adoentada. No fim do luto casou com ela e teve um filho, Pedro.

Alguns tempos depois a sua mãe morre de apoplexia em Benfica.

Mas, Afonso sentia que a sua mulher, Maria Eduarda, não era feliz. Andava triste com saudades do seu país, da família, das igrejas. Era uma verdadeira lisboeta, pequena e morena.

Afonso odiava tudo o que era inglês e por isso jamais consentiria que seu filho, Pedro fosse estudar para o colégio de Richmond.

Com o passar do tempo, a tristeza de Maria Eduarda ia aumento, sentia demasiada falta da sua casa em Benfica. E para aumentar a tristeza de Maria Eduarda e da sua família, a tia Fanny morreu de pneumonia, em Março. Maria Eduarda adorava a tia Fanny por ela ser irlandesa e católica. Para a distrair deste triste acontecimento, Afonso, seu marido, levou-a a Itália, mas nem assim a senhora animou, continua a querer ir para Lisboa.

Afonso queria mandar o seu filho para Coimbra, mas quando a sua mulher soube da notícia implorou para que não o fizesse pois não queria estar afastada da pessoa que mais amava, e naturalmente o seu esposo cedeu.

O filho de Afonso e Maria, Pedro, era muito esperto e valente. Quando a mãe morreu, o rapaz entrou quase em loucura. Passaram muitos meses depois da morte de Maria e Afonso começava a desesperar por ver o filho em tamanha tristeza e a visitar todos os dias o corpo da falecida mãe.

É então que Afonso descobre, através de um avô da sua falecida esposa que Pedro anda a encontrar-se com uma mulher e que a amava perdidamente, uma Monforte. O pai da rapariga era dos Açores. Esta rapariga chamava-se Maria Monforte. Pedro estava tão apaixonado que escrevia a Maria todos os dias duas cartas em seis folhas cheios de poemas. Vilaça, administrador dos Vilaça, decidiu contar a notícia da paixão da paixão de Pedro a Afonso, e o seu pai, odiava a família Monforte e chegou a dizer que Maria até para amante era má.

No verão, Pedro partiu para Sintra; Afonso soube que a família de Maria Monforte tinha comprado uma casa lá. Alguns dias depois, Vilaça apareceu no Ramalhete muito preocupado pouco no dia anterior Pedro tinha passado no cartório e pediu-lhe informações sobre propriedades e sobre o meio de levantar dinheiro.

Passou o outono e chegou o inverno. Pedro foi ter com o pai e pediu a este para casar com Maria Monforte, e o pai, insatisfeito disse ao filho que nunca lhe tinha falado sobre ela e que ela era filha de um assassino, de um negreiro. Para Afonso o facto de Pedro casar com Maria era uma vergonha, mas não foi isso que ia impedir de Pedro casar com a sua amada. Dois dias depois desta situação, Vilaça foi a correr contar o que se tinha passado nessa madrugada: Pedro tinha casado e ia partir para Itália com a noiva. E a partir desta situação, nunca mais se falou no Pedro da Maia.

Os Maias

Segundo Capitulo

Pedro e Maria iam viajando por Itália de cidade em cidade. Tencionavam passar o inverno neste país, e assim foi. Contudo, passados alguns dias de estarem em Roma, Maria sentiu um enorme desejo de ir para Paris, e lá foram para França.

Ao chegar a Paris, ainda se sentia o cheiro a pólvora pelas ruas onde ainda estava presente uma guerra e isto não agradou Maria, mas apesar de Maria não gostar, ela e o seu marido ainda aguentaram Paris até à Primavera. Mas, apesar de a guerra ter acabado, começaram a ouvir-se remores de uma revolução, e isso fez com que o casal tivesse que deixar Paris. Contudo, antes de partir, Maria insistiu para que o seu marido escrevesse uma carta a seu pai, Afonso. O facto de, ao início, Afonso da Maia não aceitar a relação que Pedro e Maria tinham, e de não aprovar o casamento, desesperava-a. Maria odiava o velho Afonso, e por isso, apressou o casamento e planeou a tal partida para Itália. Porém, agora que o casal ia voltar à capital, era necessário a reconciliação. Esta carta era tal como Maria tinha pedido, tinha de ser bonita; foi referido que se Maria desse à luz um menino que lhe iria por o nome do velho Afonso e que Maria já o adorava. Pedro escreveu esta carta comovido com o facto de vir a ter um filho.

O casal desembarcou rumo a Benfica. Mas, o que não sabiam era que Afonso tinha partido para Santa Olávia dois dias antes, e isto magoou Pedro. E foi com esta situação que a relação entre pai e filho acabou.

Quando Maria deu à luz, (nasceu uma menina) Pedro não escreveu ao seu pai a contar ao seu pai, e até chegou a dizer a Vilaça que já não tinha pai.

Com o passar do tempo, Afonso da Maia ia caindo cada vez mais no esquecimento em Santa Olávia. Apenas Pedro por vezes perguntava a Vilaça como é que o seu pai ia.

Mas, Maria teve outro filho, um menino desta vez. Pedro pensou em dirigir-se para santa Olávia, mas Maria tinha um plano melhor: segundo as informações de Vilaça, Afonso iria voltar a Benfica dentro de pouco tempo, e quando ele voltasse, Maria pegava no bebé e iria ter com Afonso, todo vestida de preto, e sem mais nem menos, iria atirar-se para seus pés a pedir bênção para o seu neto, e Maria, tinha a certeza de que este plano era quase infalível.

Para acalmar Afonso da Maia, Pedro quis dar o nome do seu pai a este bebé, mas Maria não permitiu. Andava a ler uma novela onde existia um Carlos Eduardo, e é este nome que queria dar ao pequeno: Carlos Eduardo da Maia.

Vilaça informa Pedro que seu pai era esperado em Benfica no dia seguinte, e Pedro, penso de imediato em avisar para Maria para fazerem o tão esperado espetáculo que tinham planeado, contudo, esta recusou. Conforme o tempo ia passando mais Pedro ia insistindo na ideia de ir ter com o seu pai, mas, Maria, recusava sempre e dizia para esperar mais algum tempo.

Numa tarde de Dezembro, Afonso da Maia estava a ler calmamente, quando, de repente, a porta do escritório abre violentamente e o velho vê o seu filho. Pedro não estava normal, estava todo desarranjado e o seu olhar refletia uma certa loucura. Mal Afonso se levantou, o seu filho caiu-lhe nos braços a chorar como se o mundo fosse acabar. É então, passado uns minutos, que pedro diz o sucedido. Ele esteve dois dias fora de Lisboa, e voltei nessa manhã, mas, Maria tinha fugido de casa com um italiano e tinha levado consigo a bebé, deixando o seu filho, Carlos Eduardo, com a governanta. Quando Pedro chegou a casa encontrou uma carta a dar todas as informações que Pedro necessitava de saber.

Com tantas desgraças, Pedro necessitava de espairecer. Como sempre sonhou em ir a América, acho que o momento era o indicado.

Certa noite, Afonso acorda assustado com o som de um tiro que se ouviu em toda a casa. Levantou-se de imediato e ele, com a ajuda de um criado com uma lanterna, tentaram descobrir de onde vinha tal tiro, quando, viram a porta do quarto de Pedro, ainda entreaberto, vinha um cheiro a pólvora, e perto da cama podia ver-se uma poça de sangue que ensopava o tapete, foi então que Afonso, encontrou o seu querido filho, no chão, morto, com uma pistola na mão. Em cima da secretária encontrava-se uma carta que dizia com letras bem visíveis: “Para papá”.

Passados alguns dias a casa de Benfica foi fechada e Afonso e o seu neto Carlos partiram para Santa Olávia com todos os criados.

Vilaça espalhou por Lisboa que o pobre Afonso não iria durar muito mais de um ano.

Os Maias

Capítulo 3

Ao contrário do que Vilaça tinha previsto, (que Afonso da Maia não ia durar mais que um ano) o velho Afonso durou mais um ano e muitos mais.

Nas vésperas da Páscoa, em Abril, Vilaça chega de novo a Santa Olávia pela manhã. E por espanto de Vilaça, Afonso estava completamente diferente, ao contrário de há uns anos passados, Afonso era feliz.

A verdade é que já tinham passado alguns anos desde a última vez que Vilaça tinha ido a Santa Olávia e o velho Afonso e o seu neto, Carlos, não estavam sozinhos em casa. A senhora viscondessa que era prima da falecida mulher de Afonso (era um Runa), quando ficou viúva e pobre, Afonso deu-lhe teto; um novo mordomo: o Teixeira; um abade: o Custódio.

Vilaça nunca tinha visto Afonso da Maia assim, tão alegre, e toda esta alegria devia-se ao menino, ao seu neto, Carlos, foi esta criança que fez reviver Afonso da Maia e fez reviver a casa.

Certo dia, o administrador insinuou que Carlos era apenas uma criança mimada e que era ele que governava a casa, contudo, Teixeira, teve de intervir para emendar o que o administrador tinha dito. Segundo Teixeira, a criança tem sofrido bastante, a educação que está a ter é muito rígida e severa, em casa, até já se chegou a pensar que Afonso queria a criança morta, mas, todos sabem o amor que o velho sente pelo neto. Mas toda esta rigidez provém de um sistema inglês ensinado pelo metre inglês: Brown. Este inglês, apesar de ser boa pessoa, ser calado, asseado, excelente músico e aparentemente bom inglês, não era, de forma alguma, a melhor pessoa para educar um fidalgo português. Brown, em vez de ensinar coisas uteis ao rapaz, apenas ensinava acrobacias, a remar e habilidades de palhaço.

Um dia, Afonso da Maia, o abade Custódio e Vilaça, chegam a casa das Silveiras que eram bastante ricas. D. Ana Silveira era a mais velha e solteira; D. Eugénia tinha dois filhos: Teresa (que era conhecida por ser a “noiva” de Carlos) e Eusébio. As Silveiras andam sempre acompanhadas pelo seu amigo fiel, um doutor delegado que há 5 anos andava a pensar em casa com D. Eugénia, contudo, o casamento foi adiado.

D. Ana nunca gostou de ver a sua sobrinha, Teresa, perto de Carlos, sempre que achou que ele fazia coisas indecentes, como tocar-lhe no vestido e coisas desse género. Mas a pobre rapariga apenas gostava de abraçá-lo no quinta.

Um facto é que, para a idade que tinha, Carlos começava a ficar atrasado, (apesar de ser inteligente) ele apenas sabia falar um pouco de inglês e fazer umas habilidades que não lhe dariam qualquer futuro.

Uns meses antes, houve uma procissão em que o Eusébio se vestiu de anjo, e a sua mãe mais a sua tia, como boas pessoas que são, decidiram vir mostra-lo à viscondessa, contudo, esqueceram-se dos rapazes (Carlos e Eusébio) por uns segundos e passados uns minutos, Eusébio apareceu na sala, todo mal-arranjado, rasgado e magoado… tinha sido Carlos que lhe tinha dado uma valente sova por que odiava anjos, e a partir desse dia, sempre que o Eusébio aparece em casa dos Maias Afonso treme de medo.

Vilaça conta que Maria Monforte (mulher de Pedro), foi vista por Alencar em Paris, e ele chegou a estar em casa dela. Já tinham passado imensos anos desde que o nome de Maria fora mencionado, e no início desta situação, o único desejo de Afonso era recuperar a sua neta, mas aos poucos, foi esquecendo o nome dessa mulher e a sua nota. Segundo Alencar Maria agora era prostituta. O seu amante morreu num duelo e o seu pai também morreu, deixando uma herança muito reduzida. Depois de tudo, voltou para paris (após ter viajado um pouco por todo o mundo) com Mr. De l’Estorade. Mas apesar de saber onde Maria estava, a única coisa que interessava realmente era a sua neta, porém, quando perguntou se havia notícias da sua neta, Vilaça respondeu que desconfiava que ela estava morta, caso contrário, Maria já tinha vindo bater à porta de Afonso a pedir ajuda.

No dia a seguir, Vilaça parte para Lisboa. E duas semanas depois desta partida, Afonso recebe uma carta do administrador a dizer que no boudoir de Maria existia um retracto de uma criança, de uma menina, mas que em volta desse retracto estava uma coroa de flores, conseguia-se entender que aquela menina já tinha falecido. Alencar perguntou a Maria quem era a menina do quadro e ela responde que era a sua falecida filha, que havia morrido em Londres.

Após alguma troca de cartas entre Vilaça e Afonso, o administrador manda uma última carta a dizer que dali a uns tempos, era possível que Vilaça necessitasse de hospitalidade por parte de Afonso da Maia. Esta ultima carta fora recebida a um domingo em Santa Olávia. Todavia, dois dias depois, foi recebido um telegrama a anunciar a morte do pai de Vilaça. Nos dias que se seguiram, Vilaça esteve num sofrimento constante até que começou a sentir-se muito mal, falta de ar, tonturas, etc. até que cai no chão desamparado e ali fica, morto. Esta morte abala por completo Santa Olávia.

Numa manhã de julho, em Coimbra, Carlos tinha feito o seu primeiro exame que lhe daria acesso à universidade, foi uma explosão de alegria naquele momento.

Os Maias

Capítulo IV

Finalmente Carlos ia-se formar em medicina.

A vocação de Carlos para a medicina surgiu quando ele era muito mais novo, num dia em que ele descobriu no sótão, entre coisas velhas, umas estampas anatómicas. Passou o dia de volta das tais estampas e foi nesse momento que a curiosidade pela medicina de Carlos surgiu. Apesar desta paixão pela medicina, todos familiares mas próximos e amigos, sempre acharam que este rapaz ia seguir direito. No entanto, apesar de Carlos adorar medicina, esta paixão não era muito aprovada pelas pessoas (amigos mais próximos) de Santa Olávia, as mulheres, principalmente, achavam um desperdício este rapaz tão bonito, charmoso, seguir para um profissão em que tivesse que mexer em cadáveres e sangue. Respondendo a esta indignação das pessoas, Afonso diz que educou o seu neto para ser bem-sucedido e não educou um Zé-ninguém, disse até que educou o neto para ser útil para o país. Sendo esta uma época em que ficar doente era já um hábito, segundo Afonso, o “maior serviço patriótico” é saber curar.

Depois, Carlos Eduardo, parte para a sua viagem pela europa. No outono de 1875, quando Carlos regressa, o seu avô perguntou o que pretendia fazer agora que já tinha o seu curso tirado e já podia finalmente exercer, o rapaz responde que primeiro que descansar um pouco e depois, passar à ação!

Carlos não queria unicamente “fazer clinica”, é certo que queria dar consultas, e até podia dá-las de graça por caridade. O rapaz queria também exercer a parte de laboratório, e por isso, decidiu abrir uma clinica e um laboratório.

Os Maias

Capítulo V

Em falta

Os maias

Capítulo VI

Carlos e Ega estavam juntos quando um *coupé* chegou, dele saiu um homem que Ega conheceu de imediato, era o Sr. Dâmaso Salcede que tinha acabado de chegar de Paris. Entraram no café para beber um copo e passados alguns minutos entra “o poeta”: Tomás de Alencar. Apesar de Carlos não conhecer o tal poeta, apenas conhecia o nome dele, não era a primeira vez que Alencar via Carlos, na verdade, Alencar fora a primeira pessoa a ver Carlos assim que este nasceu, e a partir daí desenrolou-se uma história: Pedro da Maia (pai de Pedro) queria chamar Carlos, Afonso, mas a mãe teimou que tinha de ser Carlos justamente por causa de um romance que o próprio Alencar lhe tinha emprestado que falava de um príncipe Carlos Eduardo e, Alencar apoiou a mãe de Carlos, dizendo que Carlos Eduardo era o nome ideal.

Dâmaso Salcede era um grande admirador de Carlos e queria conhecê-lo há imenso tempo, e nessa tarde ia jantar com Carlos, o que deixou o homem bastante nervoso.

Alencar tinha uma paixão platónica por Raquel Cohen.

Alencar afirmava que já passou por muito na sua vida. Disse que a todos os ricos/ministros ele emprestou dinheiro e deu teto, porém, agora que eles são alguém não retribuem o favor ao poeta.

Sempre que Carlos e Tomás de Alencar falavam, o poeta evitava a todo o custo mencionar “Maria Monforte”, porém, Carlos entendeu o quão difícil era para Alencar não mencionar o nome da mãe de Carlos, e por isso este disse que o poeta podia falar à vontade da mãe que não fazia mal.

Carlos cresceu sem qualquer ligação com os pais uma vez que quando nasceu quase não conheceu a sua mãe e quanto ao pai, suicidou-se quando era muito pequeno, portanto, o avô, Pedro da Maia representa para Carlos, os seus pais.

Os Maias

Capítulo VII

No Ramalhete, já era comum a presença de Craft, ele e Carlos tinham muitas coisas semelhantes. E gostavam bastante dele porque se fosse por vontade de Afonso, Craft jantava sempre lá em casa.

Ultimamente Carlos saía pouco de casa, para além de andar ocupado a escrever um livro, a sua profissão enquanto médico não deu grandes frutos, dizia-se que Carlos fazia experiências mortais nos seus pacientes.

Um dia, Carlos convida o Senhor Salcede para jantar no Ramalhete, este prometeu que não iria faltar mas, para espanto de todos, faltou. Todos acharam estranho esta falta, Dâmaso dava tudo para jantar só mais uma vez com o seu ídolo, Carlos. Andou desaparecido mais de uma semana até que um dia Carlos decide passar por casa dele, quando lá chegou encontrou o seu criado afirmou que o seu senhor estava em ótimo estado que não era motivo para preocupações, mas Carlos não se conformou com aquela resposta e decidiu ir perguntar ao seu tio Abraão mas ele também não o via há dias, e por isso decidiu passar pelo Grémio mas aí também ninguém o tinha visto ultimamente e aí entendeu que devia parar de procurar.

Afonso da Maia fez uma oferta comovente a Carlos: ofereceu Santa Olávia para passar umas pequenas férias mas, infelizmente, Carlos não podia aceitar. A europa estava a atravessar uma fase bastante complicada e ele não podia tirar simplesmente umas férias.

Certo dia, Carlos viu uma mulher lindíssima no fundo da rua, ele pensou para ele mesmo que achava que era um anjo, uma deusa, porém, ele não conseguiu ver muito, principalmente a sua cara. Depois desse acontecimento, Carlos não deixou de pensar naquele anjo que tinha visto e durante 3 dias seguidos ia sempre por volta da mesma hora ao mesmo sítio ver se encontrava a tal mulher, mas sem resultados.

Nessa semana, quando Carlos estava a sair do consultório, chega uma mulher toda vestida de preto com um véu preto a tapar a cara, acompanhada de um rapaz pequeno igualmente de preto. Veio ver o que se passava com o seu filho, Charlie, sem nunca levantar o véu. No fim da consulta, depois de Carlos assegurar que o pequeno não tinha qualquer problema, quase que pareciam uma família, o médico agarrava no pequeno de forma paternal e a mulher de preto e Carlos trocavam palavras e sorrisos.

Depois de ter saído do consultório, ia a descer a Rua Nova do Almada, quando para seu espanto vê Dâmaso, que por acaso reparou em Carlos e estava a chama-lo. Assim que se encontram, Dâmaso muito exaltado diz que a sua vida tem andado numa confusão, que agora, anda num romance.

Quando Carlos falou com Taveira sobre o assunto, este diz que a família da mulher por quem Damaso anda doido, é brasileira, são os Castro Gomes.

Os Maias

Capítulo VIII

Um dia, às 8 da manhã, Carlos parava em frente ao portão da casa de Cruges, porém, um trintanário veio dizer-lhe que o senhor já não morava ali. A criada aconselhou Carlos a ir à Rua de S. Francisco pois era lá que o Sr. agora morava. Quando chegou à atual morada de Cruges, Carlos teve de esperar algum tempo até que por fim, desceu o senhor Cruges, bastante apressado. E assim, estavam prontos para seguir viagem a Sintra.

Apesar de não ter dito nada a Cruges, o verdadeiro motivo que trazia Carlos a Sintra era o facto de não ver a sua “deusa” há mais de duas semanas, e por isso supunha que ela estava em Sintra.

Alencar, o poeta, conhecia Cruges desde pequeno, por isso para Alencar ele era como um filho.

Tinham uma grande paixão por Sintra, dizendo até: “tudo em Sintra é divino.”.

Carlos perguntou se alguém sabia se a família da “sua brasileira” tinha ido para a Pena, um dos homens que estava presente afirmou imediatamente que tinha ido para lá há pouco tempo, porém, o outro, negou dizendo que a tal família foi para um palácio não muito longe dali.

Afinal os Castro Gomes não tinham ido para o tal palácio, na verdade, eles mais o Sr. Salcede partiram para mafra no dia anterior. E, neste momento, Sintra perdeu (para Carlos) todo o encanto.

Passavam duas semanas desde que recebeu essa notícia e andava perdido pelo Aterro a procurar perdidamente a sua “deusa”. Chegou-lhe aos ouvidos que a “sua” senhora estava em Sintra e este correu até Sintra mais não a encontrou. Foi então, que num dia, eles cruzaram-se no Aterro. Contudo, depois desse momento, nunca mais a viu outra vez mas os outros sim.

Os Maias

Capítulo IX

Certo dia, Afonso da Maia aparece com uma carta na mão para Carlos. Esta tal carta cheirava a verbena, o cheiro da condensa Gouvarinho, e era um convite do conde para um jantar no Sábado seguinte.

Dâmaso chega ao Ramalhete extremamente apressado a correr, e sem dar tempo a Carlos para o cumprimentar, Dâmaso começa por dizer que há um doente, um doente da tal família brasileira. Porém não era a madame, era a filha de 6 anos que esteve quase a morrer.

De vez em quando Dâmaso ia visitar a casa dos brasileiros para ver como é que as coisas estavam uma vez que a família foi para Queluz e deixou a pequena com a governanta, Miss Sara. Depois de almoço a criança sentiu uma dor, e a governanta queria um médico inglês porque era a única língua que esta falava, apesar de procurarem o médico inglês, Smith, não o encontraram (enquanto a miúda quase que morria), felizmente Dâmaso chegou nessa altura e lembrou-se de imediato de Carlos. Depois de chegar à pequena e fazer um pequeno exame, Carlos conseguiu tranquilizar Miss Sara, a pequena rosa/rosicler estava bem de saúde, apenas necessitava de algum descanso e se a dor voltasse era necessário um exame mais rigoroso. Rosa e Carlos entenderam-se muito bem, tanto que a pequena queria que ele voltasse.

Para sorte de Carlos, o marido da sua “deusa” ia para o brasil durante dois ou três meses tratar de negócios e a senhora ficava cá sozinha com a pequena rosa.

Alguns dias depois, Dâmaso informa Carlos de que o Castro Gomes está doente e de cama, e por Carlos ter visto a pequena rosa, é chamado também para ir ver como está o velho Castro Gomes. No dia a seguir Carlos não saiu de casa à espera de um recado, e não chegou nada. Dois dias depois a caminho do Aterro, viu o Castro Gomes e a mulher (mais a cadelinha ao colo) na varanda e foi aí que Carlos decidiu pedir a Dâmaso para este o apresentar a Castro Gomes.

Para azar de Carlos, o marido da sua amada já não ia para o brasil, ficava no hotel central até perto do verão. Carlos ia aproveitar para falar com Dâmaso sobre a sua apresentação, mas algo fez com que este achasse que era mau ser apresentado por ele aos Castro Gomes. Mais tarde surgiu uma oportunidade de Carlos conhecer os brasileiros, quando Castro Gomes quis oferecer algo a Carlos pelo cuidado com rosa, era óbvio que se iam conhecer sem a ajuda de Dâmaso.

O tal jantar (num sábado em casa dos Gouvarinho) chegou, e no fim do jantar Carlos começou a ficar bastante intimo da condensa Gouvarinho, acabando por darem um beijo no final.

Os maias

Capítulo X

Durante três semanas, Carlos e a Condessa Gouvarinho viviam um romance; tinham-se encontrado várias vezes numa casa da tia, Miss Jones, da condessa na Rua de Santa Isabel uma vez que a tia fora para o Porto e a casa estava livre e a condessa tinha a obrigação de cuidar do gato.

Apesar de todo este romance vivido entre estes os dois, Carlos começava a sentir-se “farto” da condessa devido às atitudes desta. A condessa queria entrar na vida de Carlos a todo o custo. Ela até planeou fugir com o médico para “viver num sonho eterno de amor lírico”, mas era óbvio que Carlos não queria nada disto.

Num domingo, começavam as corridas de cavalos (que toda a gente adorava) e Carlos tinha a certeza absoluta de que “ela”, a Castro Gomes, estaria lá, finalmente Carlos ia conhece-la! Durante as três semanas de romance com a Gouvarinho viu a sua “deusa” duas vezes, e isto levou a que, mais do que nunca, Carlos quisesse ser apresentado aos Castro Gomes, Dâmaso não conseguia apoiar isto, relembrando a Carlos o que o Castro Gomes fez no outro dia (Castro Gomes disse que passava pelo Ramalhete e no fim não passou sem avisar. Carlos insistiu que queria ser apresentado a eles e no fim, ambos concordaram esperar pelo fim das corridas.

Perto do Grémio estava um carro e um trintanário à porta, Carlos olhou e reconheceu de imediato uma das pessoas: era a pequena Rosa/Rosicler; olhou com mais atenção e reconheceu a sua “deusa”.

Não esquecendo quem tinha acabado de ver, Carlos teve a brilhante ideia para conhecer os brasileiros antes das corridas. Dâmaso podia levar o Castro Gomes para este observar a coleção de Craft onde estaria Carlos para o convidar para almoçar no Ramalhete e assim, antes das corridas, já se conheciam.

Reverendo Bonifácio era o gato de Afonso.

Assim que Carlos viu Dâmaso, contou-lhe logo o brilhante plano. Dâmaso concordou e apoiou Carlos. Enquanto Craft e Dâmaso andam a mostrar as curiosidades e a falar das corridas, Carlos andava a passear com a madame pela quinta. Convencido de que aceitavam logo, Dâmaso afirma que no dia seguinte ia falar com os Castro Gomes.

No domingo a seguir, às duas horas, Carlos e Craft pararam no largo de Belém. Era um dia quente.

Passou uma semana deste que Carlos e Dâmaso combinaram o tal plano, porém, desde aí, a semana estava a ser desastrosa. Dâmaso desapareceu sem ter revelado qual era a resposta dos brasileiros, naturalmente que o plano não foi posto em prática; ainda não conhecia a madame nem nunca mais a viu nem a esperava ver nas corridas.

O maior desejo de Carlos neste momento, era encontrar Dâmaso e saber o que se passou.

Ao dobrar a esquina da tribuna, viu Craft, que o apresentou ao famoso atleta Clifford.

Fazia algum tempo que Carlos não se encontrava com a condessa, e um dia, encontraram, por acaso. A Gouvarinho diz que tem de ir ao Porto ter com o pai uma vez que este não a vê há dois anos, e então ia aproveitar que o aniversário dele estava a chegar para ir ter com ele. O conde não ia. E, após algum silêncio, ela pergunta a Carlos se ele queria com ela, mas, nesse momento Teles da Gama aproxima-se deles e começa a falar sobre apostas das corridas e etc. e a ele juntaram-se mais pessoas. Ao ver a condessa rodeada de pessoas, Carlos afastou-se. Passado algum tempo esta já estava disponível novamente, e começou a falar sobre o plano que fez cuidadosamente sobre a viagem dos dois ao Porto. Ia segunda à noite para o Porto apenas com a criada num compartimento privado, e Carlos apanhava o mesmo comboio mas noutro compartimento. Ambos saíam em Santarém e iam passar a noite a um hotel, no dia seguinte ela seguia para o Porto e ele voltava para Lisboa. Carlos não concordou plenamente com este plano uma vez que tinha a certeza de que iriam ser reconhecidos.

Finalmente Carlos conseguia encontrar Dâmaso e quando começou a falar sobre o tal plano, Dâmaso disse-lhe que havia uma grande novidade: o Castro Gomes partiu para o Brasil sozinho e a madame ficava cá sozinha durante três meses. E o melhor de tudo era que morava no mesmo prédio do seu amigo Cruges.

Agora que tinha a certeza que a Castro Gomes estava mesmo em Lisboa, e no mesmo prédio que Cruges, crescia na sua imaginação a possibilidade de um encontro, troca de palavras… e de repente veio-lhe uma vontade imensa de ir ter com Cruges.

Quando desceu à realidade, foi falar com a Condessa sobre o plano ridículo que esta teve, dizendo-lhe tudo o que achava sobre o plano e no fim a Gouvarinho propôs acabarem tudo, ela partia para o Porto e tudo acabava. Depois de ouvir tudo o que a condessa lhe disse, Carlos ficou indeciso até que no fim aceitou.

Carlos recebeu uma carta, de um doente, porém, esta carta era particularmente especial uma vez que começava com: “Madame Castro Gomes…” e ela estava a pedir para este ir lá a casa examinar “uma pessoa de família”. Tinha a certeza de que não era ela ou Rosa a doente.

Os maias

Capitulo XI

Na manhã a seguir à carta, Carlos acordou cedo e foi a pé até à Rua de S. Francisco (a casa da Madame Gomes). Quando chegou, ficou à espera do criado, Domingos, para lhe abrir o portão. Sr. Domingos já tinha trabalhado para Carlos (como criado também) mas despediu-se devido a uns desentendimentos com o cozinheiro francês do Ramalhete.

Maria Eduarda era o nome da sua “deusa”, era a primeira vez que ouvia o seu nome.

Disseram-lhe que era a governanta, Miss Sara que estava doente. E depois de uma pequena conversa com Maria Eduarda, ele entendeu que ela estava a agradecer-lhe indiretamente pelos cuidados que ele tinha tido com Rosa.

Niniche era o nome da cadela de Maria.

Depois de examinar a governanta, Carlos chegou à conclusão que ela tem uma bronquite ligeira e teria de ficar quinze dias de cama.

Conversaram mais um pouco e, ao contrário do que Carlos pensava e do que era dito, Maria Eduarda e a sua família não eram brasileiros, eram portugueses!

Agora com a governanta doente, era necessário que Carlos fosse lá a casa todos os dias.

Quando chegou ao Ramalhete, tinha uma carta para si da Gouvarinho. Quase já nem se lembrava dela depois da última conversa que tiveram. Era no comboio dessa noite que era suposto eles embarcarem para Santarém, e Carlos prometeu que ia, mas com tudo o que se passou agora, com Maria Eduarda e tudo mais, Carlos não queria mesmo ir, por isso, apesar de não lhe apetecer nada ir para a estação de Santa Apolónia, lá teve de ser, tinha de ir para dizer uma desculpa qualquer à condessa para que ele não fosse.

Ao chegar a Santa Apolónia, encontrou Dâmaso vestido de preto, estava obviamente de luto, morreu o seu tio Guimarães de Penafiel. Assim que Dâmaso avisou Carlos que os Gouvarinho estavam mais adiante, este teve uma desculpa brilhante: ter que acompanhar Dâmaso a Penafiel devido à morte do seu tio.

Durante semanas Carlos e Maria tinham pelo menos uma hora para falarem, tanto que se tornaram mais íntimos.

Os Maias

Capítulo XII

No sábado, quando Carlos regressava ao Ramalhete vindo da Rua de S. Francisco, encontra Ega no seu quarto com um aspeto desleixado. Ega queria que ninguém soubesse da sua vinda ao Ramalhete, pois vinha a Lisboa só por uns dias para se “tratar” (“(…) unicamente para comer bem e conversar bem.”) e esperava que Carlos o ajudasse.

Ega disse que segunda-feira, ele e Carlos iriam jantar com os Gouvarinho. A condessa convidou, durante a viagem de comboio, Ega para jantar e claro que não podia faltar Carlos (segundo o conde).

Quando chegou a segunda-feira, a do jantar, o tempo estava chuvoso quando eles (Ega e Carlos) iam a caminho. Desde que a condessa chegou, Carlos só a tinha visto ainda uma vez e foi bastante desconfortável sob um ambiente muito pesado, onde ela aproveitou para se queixar do quão secas eram as cartas de Carlos.

Ega pediu a Carlos para explicar a história da brasileira (que é portuguesa) pois ficou curioso quando Dâmaso foi falar-lhe sobre isso. Ega contou que Dâmaso afirma que foi ele quem apresentou a mulher a Carlos e que este aproveitou a ausência de Dâmaso para se fazer a ela. Carlos revoltou-se logo dizendo que tudo isso era mentira, a verdade é que quando a governante adoeceu, era necessário Carlos ir examiná-la, e como precisa de cuidados, todos os dias vai lá para ver como ela está e se precisa de alguma coisa. A Madame Gomes não suportava Dâmaso e por isso fechava-lhe a porta.

A condessa estava um pouco desconfortável como toda a situação de Carlos com os Castro Gomes, mas Carlos, apesar de tudo, assegurou-lhe que não se passava nada entre eles. E após uma longa conversa, a condessa e Carlos fizeram (mais ou menos) as pazes.

Numa tarde, pelas 5 horas, Carlos atrasou-se em casa da tia da condessa devido aos beijos infinitos que esta lhe dava, ele já devia estar a caminho da casa da Madame. Quando finalmente conseguiu escapar dos braços da condessa, foi de imediato para a Rua de S. Francisco e quando chega à casa da Gomes, a madame “cai-lhe em cima” dizendo que é inaceitável fazê-la esperar, ela já pensava que ele os tinha abandonado. Carlos ficou preocupado pois pensava que miss Sara estava pior, mas, quando Maria Eduarda diz o porquê de estar tão chateada Carlos não esconde o sorriso, toda aquela exaltação foi porque ela sentia falta de Carlos e das suas conversas “de rotina”.

Maria necessitava de sair daquela casa, ir para o campo talvez, e então, perguntou a Carlos se ele conhecia alguma casa. Ele lembrou-se imediatamente da casa de Craft, nos olivais, o melhor de tudo é que Craft queria ver-se livre da casa. Contudo, apesar da casa ser perfeita, ela não queria que as visitas diárias de Carlos acabassem.

Após a troca de algumas frases românticas inesperadas entre os dois, quando deram por si estavam a dar um beijo. Depois do sucedido Carlos afirma que um amor como o deles não pode viver nas condições que vivem, só havia uma solução: fugir.

No dia seguinte, após uma semana de Craft não aparecer no Ramalhete, estava a passear no seu jardim quando aparece Carlos, onde aproveitou para perguntar a Craft se lhe vendia tudo aquilo (jardim, casa, etc.), e o outro, sem hesitar, afirma que tudo aquilo está à sua disposição e ali ficou feita a negociação.

Assim que saiu dos olivais, foi a correr para a Rua de S. Francisco para contar as novidades à sua querida Maria. Quando lhe contou, esta ficou surpresa, desconfiada, sem saber o que dizer.

Afonso aprovou a nova aquisição do seu neto, porém, Ega não ficara muito satisfeito. Antes Carlos contava-lhe tudo, todas as suas aventuras e etc. mas agora, com Maria Eduarda, Carlos não contava nada o que chateava Ega. Todavia havia uma diferença entre Maria e as outras mulheres (as “outras aventuras”), é que Maria não era uma mera aventura, era uma verdadeira paixão. Mas Carlos ao ver que Ega estava realmente chateado, entendeu que não estava a ser justo com o seu amigo de longa data e por isso decidiu contar toda a história desde a primeira vez que a viu.

Os Maias

Capítulo XIII

Carlos tinha almoçado mais cedo do que o habitual, e quando já estava preparado para sair, chegou-lhe a noticia de que Ega necessitava de falar com ele desesperadamente e por isso era pedido a Carlos que esperasse. Já tocava para as dez horas e Ega não descia, Carlos estava já muito impaciente. Mas nesse momento, chegou uma carta da Gouvarinho para ele. No preciso momento em que acabara de ler a tal carta, Ega descia um pouco mal-arranjado ainda. Mas antes de Ega contar o que se passava, Carlos pediu-lhe para ler primeiro a carta da Gouvarinho.

A tal carta era basicamente uma queixa da condessa devido ao comportamento de Carlos. Carlos faltou a dois compromissos com a condessa em casa da tia sem dizer uma única palavra. E por isso, para discutir esta situação, a condessa pedia-lhe para ele ir à rua de S. Marçal ao meio dia no domingo para resolver os problemas e para Carlos explicar toda esta situação. Ega afirmara que esta era a altura perfeita para meter fim à “relação” deles e Carlos concordou.

Finalmente Ega pode contar aquilo que Carlos tinha de saber urgentemente. Dâmaso, andava a falar mal de Carlos e Maria a toda a gente possível, corriam boatos sobre eles, fazendo o “casal” passar má figura, um dos boatos era o facto de a Madame estar com Carlos apenas por dinheiro. Assim que ouviu isto, Carlos pensou ir imediatamente a casa de Dâmaso “fazer justiça” mas depois pensou melhor e talvez fosse melhor continuar a passar por Dâmaso e acenar como se nada fosse.

Eram quase 11 horas e ele tinha que ir aos olivais. No dia a seguir, no sábado, Maria Eduarda ia ver finalmente a casa e até esse dia, ele deveria ter a casa em condições, pelo que pediu aos criados para a limparem e darem uma arrumação.

Tudo o que tinham de saber sobre esta casa era que Carlos a comprou e arrendou a uma senhora, que ia passar 3 meses lá (todo o verão) enquanto Carlos estava em Santa Olávia. Depois destes 3 meses, planeavam fugir para Itália.

Quando Carlos chegou a casa da madame, ela não estava e apenas deixou um bilhete a dizer que tinha ido a Belém com Rosa e pedia-lhe para vir à noite. Ao sair de casa, encontrou Alencar, o poeta, que não via desde as corridas.

Mais uma vez, surgiu a tal conversa de Dâmaso e do romance de Carlos e Maria, tendo Dâmaso repetido todas as mentiras a Alencar, o que o preocupo. Mas, para espanto de Carlos, vê Dâmaso mesmo do outro lado do passeio, e aí não conseguiu controlar-se e teve mesmo que dizer a Dâmaso para parar com todas as mentiras ou então Carlos teria de tomar medidas mais graves (recorrer à violência).

No dia a seguir, de manhã, era o dia em que Maria Eduarda finalmente vinha conhecer a casa de verão, deveria chegar perto das 10 horas. Quando finalmente chegou, e depois de uma pequena visita pela casa, ela apenas disse que era um verdadeiro paraíso. Era perfeita, mas faltava-lhe um nome, após uma pequena ponderação, Carlos surge com uma possibilidade: Toca, e Maria Eduarda adorou.

Quando Carlos viu a Gouvarinho, não resistiu e foi bruto, e assim acabou tudo com ela.

Os Maias

Capítulo XIV

Era sábado e Afonso da Maia partia para Santa Olávia. Nesse mesmo dia, Maria, instalara-se nos Olivais.

No domingo, quando Carlos regressava ao Ramalhete ao anoitecer, Batista anunciou que Ega tinha partido para Sintra e tinha deixado uma carta. A carta era um pouco estranha. Ega voltaria dentro de três ou quatro dias.

O Ramalhete para Carlos agora era algo triste, e então decidiu dar uma volta, e quando dá por si está perto da R. de São Francisco perto da casa de Maria Eduarda e de Cruges. Decidiu então, subir ao andar de Cruges mas este não estava em casa. Entrou depois no Grémio e deu de caras com Taveira que ia ao Price e Taveira acabou por convidar Carlos para ir também. Carlos aceitou. Pelo caminho, surgiu, mais uma vez, a conversa de Dâmaso. Andava desaparecido. Mas algo preocupava Taveira, o facto de Dâmaso ameaçar Carlos. Carlos não aguentou muito no Price, era um local bastante desconfortável, e por isso, decidiu sair, e à saída encontrou Alencar, o poeta que ficou pasmado por ver Carlos ali, pensava que ele estava em santa Olávia. O poeta informou que os Cohens estavam em Sintra, e aí Carlos entendeu o porquê da partida apressada de Ega para Sintra.

Estava decidido. Carlos e Maria partiam para Itália em Outubro, uma vez que o marido da madame chegava perto de Novembro, e por isso convinha estarem já instalados antes da chegada do marido dela. Tudo isto de ir para Itália era muito fácil, mas havia um único problema: Afonso. Ele não iria aceitar que o seu neto, a sua família mais próxima, fugisse com uma mulher casada e com uma filha, Carlos iria destruir uma família, Carlos iria ser semelhante à sua mãe que fugiu com um homem deixando o seu pai, Pedro, a sofrer, causando assim o seu suicídio. Afonso não iria mesmo aceitar isto.

Todas as manhãs, Carlos ia para os Olivais. Já era rotina. Ele, Maria e Rosa, ficavam a falar até às duas, que era quando a pequena rosa tinha aulas de piano.

Nos primeiros tempos, Carlos e Maria eram felizes, mas à medida que o tempo ia passando, começavam a sentir necessidade de mais intimidade. Precisavam de uma noite a sós. E assim foi, tiveram a tal noite.

Maria queria fugir já para Itália, afinal de contas, se era para irem embora, porque não iam já? Podiam ir, claro, mas primeiro Carlos tinha de falar com Afonso.

Quando estava a regressar ao Ramalhete estava a chover.

Certo dia, quando Maria e Carlos estavam a passear nos jardins da Toca, Carlos reparou numa casinha, muito pequena, do outro lado da estrada, mesmo em frente da Toca. Esta casa era perfeita para Carlos e pensou em aluga-la imediatamente. Ia-lhe dar muito jeito naqueles dias em que saía da Toca a meio da madrugada. Alugou-a logo. A partir daí, os encontros noturnos entre eles os dois tornaram-se mais frequentes.

No início de Setembro, Afonso mandou uma carta a Carlos a avisar de que Craft chegava no próximo Sábado ao Hotel Central, e por isso, de manhã, Carlos foi logo para o Hotel para ouvir as novidades que o seu amigo trazia de Santa Olávia. Depois de Craft mostrar o seu encanto por Santa Olávia, teve que falar de uma maneira mais séria com Carlos. Afonso estava com um enorme desgosto devido ao facto de Carlos não ter ido visitar Santa Olávia, o velhote estava muito magoado com o neto. Carlos, sentindo remorsos por não ter ido, afirmou que talvez fosse com Ega dali a uma semana. Logo nesse dia, à noite, Carlos falou com Maria sobre a tal visita que deveria fazer ao avô, era por pouco tempo (quatro dias no máximo). Nesse momento, Maria afirmou que tinha um grande desejo: visitar o Ramalhete. Tal só era possível enquanto o velho Afonso estivesse em Santa Olávia, por isso, chegaram a um acordo: Maria iria jantar ao Ramalhete no dia em que Carlos estivesse de partida para Santa Olávia. E assim foi.

Maria adorou o Ramalhete especialmente o jardim e o escritório de Afonso. Mesmo sem conhecer Afonso, Maria tinha medo dele, dizia que ele tinha um ar assustador. Ao jantar, Maria reparou no retracto do pai de Carlos (Pedro da Maia),o que lhe interessou muito, depois de examinar melhor o retracto, afirmou que Carlos e Pedro não tinham muitas parecenças, porém, e por muito estranho que fosse, Maria achava que Carlos era bastante parecido com a mãe dela e, ao dizer isto, Carlos achou curioso Maria nunca ter falado da sua mãe e por isso, Maria começou a falar da mãe. Era uma senhora da ilha da Madeira e não tinha muitas posses, por isso casou na Madeira com um austríaco. Maria nunca conhecera o pai e teve uma irmã que morreu em pequena.

No sábado seguinte, às duas horas, Carlos e Ega ainda estavam à mesa. Carlos chegara de Santa Olávia de madrugada sozinho. Afonso quis ficar por lá até ao fim do outono.

Carlos viu o seu avô alegre e forte. O facto de Afonso estar ótimo de saúde era um alívio para Carlos, pois agora era mais fácil a sua partida para Itália com Maria em Outubro, para além disso, Carlos encontrou um plano simples para viver a sua vida tal como imaginava e sem magoar o avô, o plano era: Carlos ia para Madrid para começar uma suposta viagem de estudo e Maria fica na Toca durante um mês, depois encontravam-se ambos em Bordéus e aí começavam a sua vida em conjunto. Na primavera, Carlos voltava para Lisboa deixando maria instalada no seu lar, e então, aos poucos, ia revelando toda esta história.

Entretanto, chega Baptista com o correio, mas na verdade não era correio, era apenas um bilhete do próprio Baptista para Carlos afirmando que estava um homem à espera de Carlos na sala, Carlos ficou pálido e pensou logo que era Castro Gomes. Era realmente Castro Gomes, o marido de Maria!

O assunto que trazia Joaquim Álvares de Castro Gomes ali, era muito urgente, e naquele mesmo dia, à noite, queria partir para Madrid. Castro Gomes tirou uma carta do bolso que tinha recebido no Rio de Janeiro antes de partir, era anónima. A tal carta, dizia que Carlos e Maria eram amantes. Carlos esperava que Castro Gomes tivesse ido ali para lhe dar uma sova, mas, na verdade, Castro Gomes afirmou que não queria violência, apenas queria contar algo, pois estava farto de ser conhecido por “o marido infeliz” ou “o marido que tem sido traído”, por isso, queria deixar de ser humilhado, havia uma coisa que só Castro Gomes e Maria sabiam: eles não eram casados. Isto foi um choque para Carlos obviamente. Castro Gomes contou a história toda. Ele vive há três anos com Maria, quando esteve no Brasil o inverno anterior trouxe Maria a Lisboa para lhe fazer companhia, foram para o Hotel Central e toda a gente via Maria com Castro Gomes, e dormiam juntos, por isso, para todos os efeitos Maria era mulher dele, ficou conhecida por ser a mulher do Castro Gomes. A pequena rosa não é filha dele, quando eles se conheceram (à 3 três anos) ela já vinha com a pequena. Maria era apenas a mulher paga por Castro Gomes. E, para chocar mais ainda Carlos, ela chamava-se Mac Gren. Castro Gomes foi embora. E Carlos teve que contar tudo isto a Ega.

Ainda chocado e sem pensar corretamente, Carlos queria escrever uma carta a Maria a perguntar quanto é que ela ia cobrar pelos dois meses que ele dormiu com ela. Ega afirmou que Castro Gomes ia para os Olivais para ir ter com Maria, o que Carlos achou nojento.

Pouco a pouco, Carlos começava a desejar ir aos olivais e confrontar Maria com o sucedido, por muito insensível que fosse, Carlos queria vê-la chorar. Mas para ir lá, Carlos tinha de ter a certeza de que Castro Gomes já tinha saído de lá, e por isso mandou Baptista, o criado, investigar, quando este voltou, trazia certezas que era seguro Carlos ir à Toca. Antes de sair fez um cheque de duzentas libras para pagar os dois meses, e ele mesmo o iria entregar a Maria.

Ega tinha a certeza de quem é que tinha sido o autor da carta anónima: Dâmaso. E Carlos finalmente entendeu que era necessário vingança.

Quando ia a caminho dos olivais, teve um momento em que pensava que o melhor seria voltar ao Ramalhete e escrever uma carta, mas rapidamente essa ideia lhe passou.

Ao sair do carro, estava Melanie, a confidente (e criada) de Maria, que afirmou que Maria estava muito mal, foi deitar-se sem jantar e que não parou ainda de chorar desde que Castro Gomes esteve aqui. Carlos perguntou a Melanie se Maria sabia que Castro Gomes esteve no Ramalhete a contar toda a verdade, e a criada afirmou que sim e por isso é que Maria chorava desesperadamente.

Quando Carlos entrou no quarto de Maria, apenas conseguiu dizer que não havia motivo para chorar. Maria implorava para que Carlos a perdoasse. Maria contou tudo o que sabia a seu respeito lavada em lágrimas, e no fim, disse que ela queria contar-lhe. Naquele dia em que ele chegou tarde e ela falou na casa do campo, onde Carlos se declarou, ela queria contar, mas quando Carlos falou em fugir ela sentiu uma enorme tentação. E não contou nos olivais pois tinha medo que ele ficasse muito magoado e que acabasse com tudo o que eles tinham. Carlos afirmou que dificilmente iria acreditar em algo que Maria dissesse, pois “tudo” o que ele sabia sobre ela, era mentira. Maria disse que continuava a mesma pessoa por quem Carlos se tinha apaixonado, não era o passado dela que iria alterar a sua pessoa, ela continuava a ser “A” Maria.

Quando Carlos virou costas, e viu Maria, deitada no chão a chorar mais que tudo, só lhe ocorreu uma coisa: “Maria, queres casar comigo?” e ela, surpreendida, claro que aceitou.

Os Maias

Capitulo XV

Maria e Carlos estavam a acabar de almoçar quando Carlos pergunta se Maria já sabia quando queria partir, ela não queria alterar os planos para Itália, mas agora, já não tinham de esconder uma “felicidade culpada”. Carlos gostaria de partir no dia a seguir, mas maria não respondeu. Rosa apareceu, e Maria, muito séria, perguntou à pequena se gostaria que Carlos passasse a viver com elas o tempo todo, e Rosa, saltou radiante, e antes que ela acabasse de mostrar o seu entusiasmo, Maria perguntou se aceitava que Carlos fosse o seu novo “papá”, e miúda, claro que aceitou. E desta maneira tiveram o consentimento de Rosa.

Quando maria foi ter com Carlos ao jardim, trazia um cofre e obrigou Carlos a sentar-se ao pé dela. Ele entendeu que Maria iria contar-lhe tudo sobre a vida dela. Ela nasceu em Viena, mas não se recordava de nada desses tempos e quase nada sabia sobre o pai. Tinha uma irmã, que morreu aos 2 anos e chamava-se Heloísa. A mãe nunca tolerou que lhe perguntassem coisas sobre o passado. Foram para Inglaterra. Mas Maria só se lembrava a partir de Paris, aí, a mãe já era viúva e andava de luto pelo avô. Passado algum tempo a mãe colocou-a num convento perto de Tours. A princípio, a mãe ia visitá-la todos os meses, ficando em Tours 2/3 dias. Depois a visitas foram ficando menos frequentes assim como as cartas e esteve quase um ano sem aparecer, viajou pela Alemanha e voltou um dia, magra, gelada, de luto, e ficou agarrada a maria a manhã inteira a chorar. Mas na visita a seguir já vinha bem melhor. Maria então tinha quase 16 anos. Um dia, contra a vontade de Maria, aparecer uma mulher (Madame de Chavigny) que a ia levar para ao pé da sua mãe em paris. A casa da mãe, no parque Monceaux, era uma casa de jogo. A mãe, mais tarde, caiu nas mãos de um homem muito perigoso, o Mr. De Trevernnes. A casa descaiu rapidamente. Numa noite, acordou com gritos, foi ver as escadas e estava lá a mãe desmaiada, mais tarde, quando acordou, disse à filha que tinha havido uma desgraça. Mudaram-se outra vez para um terceiro andar da Chaussée-D’Antin. Aí começaram a aparecer homens estranhos, mas às vezes, entre eles vinha um cavalheiro, um deles, era um irlandês chamado Mac Gren. Este irlandês prometeu casar com a mãe no entanto, queria que a mãe dela fugisse com ele. Neste tempo, a mãe estava a dar em maluca. Por fim houve a penhora. Dentro do tal cofre que maria trazia para ao pé de Carlos estavam as cartas do irlandês onde pedia para ir com ele para Fontainebleau; chama-lhe esposa. Um dia, a mãe partiu para Baden, e maria ficou sozinha em paris, e nesse desespero, apareceu Mac Gren e maria foi com ele. Passado algum tempo nasce Rosa. No começa da primavera a mãe finalmente acabou tudo o que tinha com mr. De Tevernnes e, quase a seguir, começou a adorar o Mac Gren. De repente, começa a guerra com a Prússia, e Mac Gren vai a correr alistar-sena batalha. Ela foi a Paris tentar encontrar notícias dele pois ele não dizia nada, mas continuou sem saber nada. Não podiam continuar em Fontainebleau e por isso partiram para Londres. Londres não foi muito melhor, aliás, foi bem pior: não tinham dinheiro, comida, cheias de dívidas, etc. até que chegou o dia em que não tinham mesmo dinheiro nenhum para pagar a casa de Londres. Uma noite, maria ia vender algumas coisas da mãe para tentar arranjar algum dinheiro, mas perdeu-se e não sabia como voltar para casa, encontrou-se numa rua deserta com dois bêbedos, e para fugir a eles entrou num carro que ia a passar mas não tinha dinheiro para pagar ao homem e quando ele começou a mandar vir com ela, ela desata a chorar e o homem lá compreendeu. Ela queria encontrar um emprego, qualquer coisa, mas estava difícil encontrar emprego em Londres, não havia nada. Entretanto fez-se a paz e mais tarde a mãe veio a saber que Mac Gren morreu. Maria finalmente encontrou um trabalho, mal pago que dava só para a renda e para não morrerem de fome. Porém maria adoeceu. E, quando rosa já estava a morrer à fome e a mãe já estava doida, maria encontrou o Castro Gomes que lhe dava trabalho na costura, e o resto já Carlos sabe.

Dias depois, Carlos e Ega iam a caminho da Toca, e Carlos ia contando a história de Maria.

Carlos estava decidido a casar em Roma, mas é então que aparece o “espinho”: Afonso. E Carlos não sabia o que fazer quanto a isso. Mais tarde surgiu um plano (mais um), mas Ega teve de dar a sua opinião: Carlos devia esperar que Afonso morresse e aí, começar a sua vida com Maria, o avô já tinha 80 e tal anos, mais tarde ou mais cedo iria morrer. E Carlos concordou com este plano, era mesmo isto que iria ser feito.

Desde Outubro que Afonso fala na sua chegada de Santa Olávia, mas umas obras em casa retardavam a tal chegada. Carlos e Maria, pensavam em abandonar os Olivais, e Carlos deveria estar instalado no Ramalhete antes da chegada do avô.

Numa manhã, ao receber o correio, Carlos repara numa carta de Ega que dizia para Carlos não se assustar, mas Ega tinha descoberto algo terrível, estava à sua espera às 2 horas. Inquieto com o bilhete de Ega, Carlos decide abrir o jornal que vinha com a carta, chamava-se a “Corneta do Diabo”. Logo na primeira página, Carlos reparou em duas cruzes que marcavam artigo sobre Carlos e, depois de ler o artigo ficou estupefacto: estava a contar toda a história de amor de Carlos e Maria e, para além disso, gozava com eles! Carlos só conseguiu pensar que queria apanhar o autor desta calamidade e mata-lo. Mas, por muito chateado que Carlos estivesse com toda situação, tinha de admitir que nada disto era mentira ou inventado… tudo era verdade! Foi então que Carlos começou a pensar se “a honra doméstica, honra social, a pureza dos seus descendentes, a dignidade da sua família” permitiam o seu casamento com Maria.

Quando Ega e Carlos se encontraram, Ega contou a história da “corneta do Diabo” ao seu amigo. Foi no dia anterior, à tarde, que Ega recebeu, no Ramalhete, a “corneta”. Ele já conhecia o redator: Palma “cavalão” (às vezes chamavam-no de Palma “cavalinho” para distinguir de outra pessoa) e, afirmou que este tal Palma, nada sabia sobre Carlos nem tinha qualquer ódio contra este mesmo. O artigo tinha sido encomendado e pago! E por isso, Ega foi a correr para tentar falar com o redator. “No campo do dinheiro vence quem tem mais dinheiro” disse Ega, e depois de ele dizer isto, Carlos perguntou quanto é que Palma queria para dizer o nome do autor do artigo a Carlos, cem mil reis foi o que ficou acordado. Depois, pensando sobre o assunto, Ega começa a pensar em quem poderá ser a tal pessoa e, chegaram a uma conclusão: só podia ser Dâmaso!

Finalmente Carlos tinha o dinheiro para entregar a Palma, e assim que o teve foram logo a correr para falar com o redator, eram quatro horas. O redator ainda tinha a tal carta em que o tal “amigo” dizia o que queria, quanto pagava, em fim, dizia tudo que comprovava realmente quem era o autor da carta… Carlos conhecera de imediato a letra era de Dâmaso! Na carta vinha uma lista de pessoas a quem Dâmaso queria que o artigo fosse entregue: a Gouvarinho, Castro Gomes, todas as pessoas do Ramalhete, o Cohen, entre outros, mas para sorte de Carlos, a máquina que imprimia as edições, encravou, o que impediu que fossem impressas.

Agora Carlos só tinha em mente uma coisa: desafiar Dâmaso para um duelo de armas. Carlos precisava de dois padrinhos para o duelo e escolheu Cruges e Ega, que foram a casa de Dâmaso desafia-lo em nome de Carlos. Porém, nesse momento, Dâmaso sentiu-se humilhado por Carlos, o seu “amigo”, estar a fazer-lhe uma coisa destas, e decidiu escrever uma carta a dizer que era um bêbado e que nesse momento estava bêbado, não estava em si, inicialmente a carta foi escrita por Ega, mas depois quando foi para “passar a limpo” o próprio Dâmaso fê-lo. Agora Carlos e Ega tinham um documento em mãos extremamente poderoso… Dâmaso, não queria de modo algum que a carta para Carlos fosse publicada num jornal por isso, quando quisessem chantagear Dâmaso, bastava ameaça-lo com a tal carta, deste modo, Dâmaso estava “sempre controlado”.

No dia a seguir, depois do almoço, Ega relia a carta e nesse momento pensava no impacto que teria se ele publicasse a tal carta, assim vingava-se de Dâmaso quando ele esteve com Raquel Cohen, o “amor” de Ega, mas Carlos não queria publicar a carta, por isso, Ega não o iria fazer.

Nessa noite, Carlos regressa para casa e abandona definitivamente os Olivais, assim como maria que se iria instalar em Lisboa, na Rua de São Francisco por seis meses.

Os Maias

Capítulo XVI

Depois de algum tempo no sarau, Alencar queria falar com Ega. O tio de Dâmaso, o Guimarães, queria ser apresentado a Ega e queria falar com ele sobre uma coisa muito séria e urgente. Alencar apresentou-os e Guimarães pediu a Ega uma explicação sobre a tal carta em que Dâmaso afirmava que ele era um bêbado, e Guimarães perguntou se Ega achava que ele era um bêbado. Dâmaso tinha escrito uma carta afirmar mentiras sobre o sucedido e mostrou a Ega, este afirmou que era tudo mentira e, depois de alguma conversa, Guimarães chegou a afirmar que o seu sobrinho Salcede não era uma pessoa de confiança, era um mentiroso.

Quando Ega saiu do sarau (depois de ter voltado lá para assistir Alencar a citar um poema), Guimarães queria falar com Ega novamente. Ele tinha sido grande amigo da mãe de Carlos em Paris e nessa altura, ela entregou a Guimarães um cofre que este deveria guardar, entretanto a mãe de Carlos morreu e Guimarães ainda tinha o tal cofre e começou a refletir que deveria entrega-lo à família. O velho disse que enviava um criado para entregar o cofre ao Ramalhete com um bilhete para Carlos ou para a sua irmã. Ega ficou surpreendido quando ouviu “irmã”, que irmã? Ele não sabia de nada e conhecia Carlos aos anos! Alencar afirmou que ainda há dias a tinha visto com o irmão, Ega ficou pálido. Guimarães começou a contar toda a história de Maria e da sua mãe e Ega começou a pensar e tudo fazia sentido. Agora Ega, mais do que nunca, sentiu a necessidade de contar a Carlos, não podia deixar que ele e Maria passassem mais uma noite juntos mas ao mesmo tempo não conseguia deixar de pensar que iria estragar um romance. Mas acho melhor falar com Vilaça e tentar que este contasse a Carlos toda a verdade. No dia a seguir, deveria acordar cedo para tentar falar com Vilaça.

Os Maias

Capítulo XVII

Ega acordou pontualmente às 7 horas. Quando chegou a casa de Vilaça, este já não estava lá. Um dos criados afirmou que Vilaça dali a pouco tempo regressaria a casa, mas quando lá voltou, o homem ainda não tinha voltado, mas à 3ª foi de vez, encontrou Vilaça, mas este estava com muita pressa mas, um pouco à pressa, Ega conseguiu contar o desastre. Vilaça tentou escapar a essa responsabilidade de contar tudo a Carlos, e começou a dizer que ninguém tinha certezas de que o que Guimarães estava a dizer era totalmente verdade, e então decidiram abrir o cofre e tentar encontrar algo que o comprovasse, e encontraram uma carta onde afirmava que maria era realmente irmã de Carlos. Vilaça contou tudo a Carlos. Carlos não quis acreditar em nada e afirmou que nada o iria convencer de que maria e ele eram irmãos, mas quando viu a tal carta, ficou mais ou menos convencido mas nunca iria deixar de gostar de Maria.

Quando Ega e Afonso estavam a falar, o velho afirmou que já sabia de toda esta história de Carlos e Maria.

Carlos decidiu ir falar com Maria. Mas achou melhor contar tudo através de cartas e iria ter com Maria nessa altura e inventava que estava com muita pressa. Na noite a seguir ia para Santa Olávia com Ega e aí contava tudo a Maria.

Nessa noite, às 3 da manhã, Ega ouviu uma porta a bater e foi ver quem era, era Carlos! E nesse dia, com o medo de encontrar Carlos ou Afonso, decidiu passar o dia fora do Ramalhete, quando regressou eram duas da manhã e quando se estava a preparar para se deitar, ouviu passos e foi ver quem era. Era Afonso da Maia e foi perguntar a Ega se Carlos estava em casa e Ega não sabia e Afonso ficou pálido, com medo de que Carlos estivesse com a sua irmã! E foi nesse momento que Ega entendeu que Afonso estava a morrer por causa dessa história toda.

Depois de mais uma noite com Maria, Carlos entrou em casa e Afonso apanhou-o e ficou pálido. No dia a seguir, vieram-lhe dizer que Afonso estava no jardim a sentir-se muito mal, Carlos tentou fazer alguma coisa, mas nada feito, o seu avô já estava morto.

Com a morte do avô, Carlos ficou a pensar que este morrera por causa de saber de tudo sobre maria e ele, e por isso, a morte do seu avô era como um castigo para Carlos.

Carlos precisava de consolo, precisava de sair dali e por isso Ega foi com ele. Foram para Santa Olávia. Mas antes disso, Ega contou tudo a Maria.

Os Maias

Capítulo XVIII

Semanas depois, nos primeiros dias do ano novo, Ega e Carlos foram para Londres e depois iam para a América do norte até ao japão. Passado um ano e meio, Ega apareceu no Chiado. Carlos estava instalado em Paris. Passado algum tempo Ega e Carlos foram visitar o Ramalhete.

Maria Eduarda ia casar com um homem perto de 50 anos.